

INCIDÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 1ª edição, de 22/03/2021 a 24/03/2021
ISBN dos Anais: 978-65-86861-87-7

SILVA; Ana Beatriz Costa da ¹, MELO; Débora Leão ², BRITO; Thayse de Oliveira ³, TEIXEIRA; Francisco Bruno ⁴, SANTOS; Ozélia Sousa ⁵

RESUMO

Introdução: A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) causou impactos significativos na saúde pública por todo mundo. Mediante ao grande avanço de contaminação da doença, no Brasil se implementou diversas intervenções para reduzir a transmissão do vírus. Entre as estratégias, a primeira medida adotada foi o distanciamento social, considerado a maneira mais eficaz para a prevenção da doença. No entanto, isso trouxe mudanças significativas para toda sociedade, como por exemplo, o fechamento de escolas e universidades. Nesse sentido, tendo em vista a ruptura na rotina dos estudantes e o fato desse grupo já apresentar uma maior vulnerabilidade psíquica, atrelados ao alto fluxo de informações e incertezas oriundas desse período pandêmico, questionou-se sobre a necessidade de verificar a presença de sintomas depressivos em discentes do curso de medicina. **Objetivo:** Analisar a presença de sintomas depressivos em discentes da Universidade Federal do Pará campus de Altamira. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal de caráter quantitativo que utiliza a pesquisa do tipo Survey. O instrumento de pesquisa utilizado para a avaliação dos sintomas depressivos foi o Questionário sobre a Saúde do Paciente (PHQ-9) que está em concordância com os critérios do Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Transtornos Mentais (DSM-IV). A aplicação ocorreu através da ferramenta Formulários Google, em que se coletou concomitantemente os dados sociodemográficos dos participantes. A análise estatística dos resultados foi feita por meio do teste de correlação de Pearson ou de Spearman para amostras normais ou não normais, respectivamente. Para ambos os testes adotou-se um valor de p menor ou igual 0,05 como indicativo de diferença significante. **Resultados:** Dentre os 194 participantes da pesquisa, 73 (37,6%) alcançaram pontuações indicativas de depressão maior, ou seja, maior ou igual a 10, constituindo-se como um problema significativo entre os universitários, no qual, desse valor, 45 (61,6%) são mulheres e 28 (38,3%) são homens. Quando questionado o grau de dificuldade que os sintomas causavam, a principal resposta foi “alguma dificuldade”, com 96 (49,4%) das respostas. Ademais, a literatura aponta uma maior prevalência de depressão em indivíduos do sexo feminino. Quanto aos escores gerais da escala, alcançou-se uma média de 9,38, uma mediana de 8 e um desvio padrão de 6,61. De acordo com as análises estatísticas, observou-se que o índice de depressão maior foi menor em alunos do 8º período em comparação aos estudantes do 1º semestre. Tal fato pode estar relacionado aos aspectos relativos à transição nessa etapa da vida, além da vivência de um período de incertezas quanto ao retorno das aulas presenciais e a adaptação de um ensino remoto. **Conclusão:** Observa-se que uma quantidade significativa de discentes da amostra possui sintomas depressivos que surgiram ou se exacerbaram devido ao período pandêmico. Desse modo, torna-se fundamental políticas públicas e institucionais que enfoquem na saúde mental dos estudantes no atual contexto de pandemia.

¹ Acadêmico do curso de Medicina; Universidade Federal do Pará campus de Altamira

² Acadêmico do curso de Medicina; Universidade Federal do Pará campus de Altamira

³ Acadêmico do curso de Medicina; Universidade Federal do Pará campus de Altamira

⁴ Mestre em Neurociência e Biologia Celular; Universidade Federal do Pará

⁵ Docente do curso de Medicina; Universidade Federal do Pará campus de Altamira

